



I SIGEMA

SEMINÁRIO INTERNACIONAL
DE INDICAÇÃO GEOGRÁFICA E
MARCAS COLETIVAS DO ESTADO DO PARÁ

ANAIS

ISBN: 978-65-00-29653-2

CD



9 786500 296532

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Anais do Primeiro Seminário Internacional de
Indicação Geográfica e Marcas Coletivas do Estado
do Pará (02 : 2021 : on - line)
Indicação Geográfica e Marcas Coletivas do Estado
do Pará [livro eletrônico] : I SIGEMA / [Márcia de
Pádua Bastos Tagore, (coordenação) ; Luiza Helena
Meller da Silva, (curadoria)]. -- Belém, PA :
Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agropecuário
e da Pesca do Estado do Pará – SEDAP, 2021.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978 - 65- 00- 29653- 2

1. Indicações geográficas (Marcas coletivas)

I. Tagore, Márcia de Pádua Bastos. II. Silva, Luiza
Helena Meller da. III. Título.

21- 78692

CDD

- 333.001

Índices para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento territorial : Estratégias :
Economia 333.001

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB- 8/9380



CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA PARA A INDICAÇÃO GEOGRÁFICA MARAJÓ

Luiz Guilherme T. Silva¹, Sheila de Souza Corrêa de Melo², José Ribamar F. Marques³

RESUMO EXPANDIDO

Em que pese a grandiosidade territorial da Amazônia, enquanto um dos importantes biomas ainda bem preservados do planeta, que abriga tanto uma enorme biodiversidade quanto vasto manancial de riqueza em recursos naturais, conforme resumo executivo de um dos Portfólios de Pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, o Portfólio Amazônia, o bioma Amazônia exibe o paradoxo amazônico de conter, ao mesmo tempo, grande parte da sua população vivendo em situação vulnerável, junto ao maior estoque de ativos ambientais do planeta, o que de certo nos impõe a todos desafios que podem ser superados desde que garantidos um maior suporte às pesquisas, inovações tecnológicas e sociais, associadas às políticas públicas e aos investimentos privados, contudo, a serem buscados de forma conjunta e coordenada.

Ainda nesse contexto de realidades amazônicas e mais especificamente, no Estado do Pará, a Indicação Geográfica (IG) de produtos locais contribui com o do Governo do Estado do Pará “Pará 2030”, que tem ainda no turismo e na gastronomia, outras de suas cadeias produtivas de valor, e que também contribui para o fortalecimento do segmento do turismo gastronômico, que favorece o crescimento de empresas ligadas ao setor de alimentação, como pequenos produtores, restaurantes, bares e feiras públicas, gerando novos empregos, renda e melhoria da qualidade de vida das populações locais.

Destarte, a IG é assim mais uma das alternativas para o desenvolvimento dos territórios, contribuindo para a agregação de valor às cadeias produtivas e ao comércio local e regional, embora por si só não seja capaz de desenvolver uma região, pois depende de outros fatores. Entre vantagens econômicas da IG, está a diferenciação da produção, agregação de valor à produção, reconhecimento do produto e estímulo ao turismo, benefícios sociais de desenvolvimento territorial e a relação de confiança entre consumidores e produtores, e vantagens ambientais (FÓRUM DO CACAU, 2018). Para o Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI) a IG é usada para identificar a origem de produtos ou serviços quando o local se torna conhecido, ou, se lhes confere notoriedade, e quando determinada característica ou qualidade do produto ou serviço se deve a sua origem. No país a legislação brasileira (Lei nº 9279/96 – LPI, artigos 177 a 179) define duas modalidades de IG para produtos e serviços agropecuários: Denominação de Origem (DO) e Indicação de Procedência (IP).

De modo mais específico e central aos objetivos deste trabalho, o seu enquadramento à temática abordada no Painel 12 – Contribuições da Pesquisa, têm seu alinhamento a um dos Produtos de IG em trâmite para obter o reconhecimento da IG do INPI Marajó para o produto queijo. Foca na cadeia produtiva do leite de búfala no arquipélago do Marajó e apesar desta ter sido histórica-

1 DsC. em Ciências. Embrapa Amazônia Oriental – luiz.silva@embrapa.br

2 MSc. em Propriedade Intelectual. Embrapa Amazônia Oriental – sheila.melo@embrapa.br

3 DsC. em Melhoramento Animal. Embrapa Amazônia Oriental – ribamar.marques@embrapa.br

mente construída e consolidada em bases tecnológicas mínimas, preserva características ímpares que a diferencia das encontradas em outras regiões produtoras de derivados lácteos de bubalinos no país, que abriga municípios com os mais baixos índices de desenvolvimento humano do país.

A pecuária bubalina, praticada nessa região há mais de um século, tem sua origem mais aceita e atribuída à introdução de animais vindos da Itália no final do século XIX. A primeira introdução de búfalos no Brasil, em 1890, relatada por Vicente Chermont de Miranda remonta a compra de búfalos Carabao ou Rosilhos para o Marajó em 1895 e a importação de búfalos italianos (ROSA et al., 2007).

De acordo com dados censitários (IBGE, 2010), o rebanho bubalino destaca-se na região do Marajó, por corresponder a 27% do rebanho nacional, está localizado, principalmente, na microrregião do Arari. Apesar dos vários trabalhos encontrados na literatura citados pelos autores, dentre eles: Ludovino et al., 2000; Simão Neto et al., 2000; Gomes, 2001; Santana e Amin, 2002; Veiga et al., 2004; Zoccal et al., 2004; Santos et al., 2007; e Valentin e Andrade, 2009, consideram que esses estudos não fazem referência às cadeias produtivas do Marajó. No que tange aos aspectos relacionados a produção, o beneficiamento e a comercialização da carne e do leite dessa mesorregião, apresenta peculiaridades. Um dos pontos a destacar seria o Queijo do Marajó, visto que corresponde a uma indicação geográfica que apesar de sua produção ser artesanal, possui valor histórico, cultural e econômico que deve ser preservado.

Segundo Oliveira, Mattos e Santana (2016), no Marajó, estão incluídos dezesseis municípios em três microrregiões, sendo estas: Arari, Portel e Furo de Breves, abrange uma área total de 68 mil km², com influências tanto fluviais, quanto marinhas. O número de habitantes é de 438.694 e sua geografia apresenta florestas equatoriais, áreas de transição e campos naturais, onde se pratica a pecuária, sendo esta uma das principais atividades econômicas de Soure e Salvaterra, na ilha do Marajó. O rebanho marajoara se caracteriza tanto pela presença de bovinos (210.524 animais) quanto bubalinos (234.525 animais). Mas, apesar de ambos apresentarem quantitativos próximos, no que tange ao rebanho bovino, este contribui com apenas 1,77% da produção paraense.

O município de Soure concentra o segundo maior rebanho da ilha (cerca de 74.500 cabeças) e é a capital turística da região. Quem sai do Terminal Hidroviário de Belém em busca de belas praias encontra por lá indícios de que o búfalo movimentou toda a economia local, da gastronomia ao transporte de cargas, e está presente em uma grande variedade de estabelecimentos. De acordo com João Paulo da Rocha, vice-presidente da Associação Paraense de Criadores de Búfalos, estima-se que 80% de todos os criadores do Estado sejam pequenos proprietários com até 200 cabeças, e o mesmo padrão pode ser encontrado na ilha (Agência IBGE Notícias, 2019).

O sistema de produção de búfalos na Ilha de Marajó é extensivo, com os animais sendo criados soltos em pastos, em sua maioria nativos, em geral, desprovidos de cercas. Um dos capins predominantes é a Canarana verdadeira (*Echinochloa polystachya*), que atinge até dois metros de altura e é bastante aceita pelos animais, esta forrageira é capaz de produzir folhas sobre a camada de água, permanece dormente quando submersa (BARBOSA, 2005). Como a maioria das fazendas não possui cercas, devido à extensão das fazendas e o alagamento constante de seus campos, impossibilita o uso e manutenção correta das cercas, com elevado custo de instalação, o que torna o controle zootécnico e sanitário do rebanho prejudicado. A baixa sanidade do rebanho é ocasionada pela falta de manejo adequado, levando os animais com maior frequência a serem acometidos por zoonoses (BARBOSA, 2005). Nesse ambiente de paisagem natural, grande parte dos produtores não possuem auxílio da assistência técnica e isso dificulta a adoção de tecnologias modernas e



mais eficientes do ponto de vista produtivo e sustentável (SANTANA et al, 2011).

A maioria dos animais bubalinos é da raça Murrah, no entanto, desde o ano de 2010, há escassez de mercado de sêmen aprovado com potencial genético comprovado para produção de leite, para uso no plantel comercial. A média de lactação por vaca bubalina na propriedade em estudo é de 5,1 litros de leite ao dia, podendo haver uma lactação mínima que visa produção de 3,5 litros/vaca/dia para permanência do animal na fazenda (AMORIM, 2019). Segundo este autor, deve haver uma preocupação em estudar o mercado e a dinâmica local da cadeia produtiva do leite de búfala, evidenciando, não só os sistemas de produção, mão de obra utilizada, tecnologia, crédito, infraestrutura, assistência técnica, mercados e direitos de propriedade, mas, compreendendo-os a partir dos elos de coordenação da cadeia, a fim de promover o desenvolvimento sustentável da pecuária bubalina de leite e implementar estratégias de marketing e agregação de valor ao produto.

A búfala leiteira produz leite de características peculiares, apresentando alto valor nutricional, com teores de sólidos que superam consideravelmente os do leite da fêmea bovina. Para indústria de lácteos, seu aproveitamento é superior, chegando comparativamente a sobrepujar o rendimento do leite bovino em mais de 40% (ANDRADE et al., 2011). Entende-se por queijo do Marajó o produto elaborado artesanalmente na área geográfica do arquipélago do Marajó, conforme a tradição histórica e cultural da região onde for produzido, obtido pela fusão da massa coalhada, dessorada de leite de búfala e/ou leite de búfala misturado com leite bovino na proporção máxima de 40%, lavada com água ou leite de búfala ou bovino, obtido por coagulação espontânea e adicionado de creme de leite ou manteiga (SEIXAS et al, 2012).

Estudos conduzidos por Seixas et al (2014) sobre a qualidade do queijo produzido na Ilha do Marajó, atestaram que os Queijos do Marajó tipo manteiga não apresentaram altas contagens de coliformes totais e E. coli, indicando que a etapa de cozimento da massa pode ser considerada um ponto crítico de controle microbiológico. Apesar dos queijos analisados se enquadrarem nas legislações estadual e nacional no tocante à composição química, os resultados indicam contagem S. aureus bastante elevada, com quase a totalidade das amostras fora da legislação. Isso enfatiza a necessidade da implementação imediata de Boas Práticas de Fabricação (BPF) além de Boas Práticas Agropecuárias (BPA) para garantir a inocuidade dos produtos e atingir consonância com as contagens microbiológicas da legislação vigente, conforme Regulamentação Técnica para a produção do Queijo do Marajó, na Portaria No. 418, de 26 de fevereiro de 2013 da Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará- ADEPARÁ. (PARÁ, 2013).

O queijo do Marajó corresponde assim a uma indicação geográfica que, a despeito de suas características de produção ser a simplicidade (artesanal), possui valor histórico, cultural e econômico que devem ser preservados. Mas, embora seja reconhecido e procurado pelos consumidores, este produto nem sempre possui a garantia de segurança alimentar e adaptação às normas vigentes pelo Ministério da Agricultura. Como decorrência, apesar da preferência de muitos consumidores, os produtos normalmente são vendidos de forma clandestina e sem controle de qualidade, fato que os coloca fora das prateleiras dos supermercados, principal elo dos canais de distribuição (AMORIM, 2019).

Diante dessa realidade, em 29/12/2018, a Associação dos Produtores de Leite e Queijo do Marajó – APLQ Marajó protocolou o pedido BR40201805007 no Instituto Nacional de Produtos Industriais (INPI), por meio do qual pretende obter junto à autarquia responsável pelo reconhecimento do Registro de Indicação Geográfica do tipo Indicação de Procedência para o Queijo do Marajó produzido pelos associados, em cuja região de abrangência, reúne 16 municípios de três

Micro Regiões Homogêneas do Nordeste Paraense (Arari, Furos de Breves e Portel), sendo 12 localizados em ilhas e 04 continentais (Revista da Propriedade Industrial, 2020). Desde esta data a APLQ Marajó, por meio de seu Conselho Regulador visa atender as recomendações do INPI para obtenção do registro IP para o queijo ali produzido.

A Embrapa Amazônia Oriental, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca – SEDAP, desde 2017 desenvolve ações de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação no Projeto Promebull Marajó - em prol do desenvolvimento de cadeias produtivas do leite no Pará. Este Projeto, liderado pela Embrapa Amazônia Oriental, conta ainda com a participação da Associação Paraense dos Criadores de Búfalos (APCB), da Central de Biotecnologia Reprodução Animal (Cebran), da Universidade Federal do Pará (UFPA), selecionando dezenas de propriedades em três municípios do arquipélago (Soure, Cachoeira do Arari e Salvaterra) e por meio da técnica de Inseminação Artificial de Tempo Fixo (IATF) pretende alcançar no futuro uma nova geração de búfalos leiteiros nessa região. A meta embora ousada, prevê o nascimento de centenas de bezerros com genética superior e o incremento da pecuária bubalina leiteira na ilha do Marajó.

Com a inseminação massiva de animais em um mesmo período, conduzida pela técnica de Inseminação Artificial por Tempo Fixo – IAFT pretende não somente alavancar a pecuária leiteira bubalina no Marajó, mas, aumentar a geração de emprego e renda por meio do fortalecimento da produção familiar e consequente qualificação na produção do queijo do Marajó. Por meio desta técnica, após a seleção, os animais passam por exames para a garantia de sanidade, como brucelose e tuberculose, além da capacidade de fertilidade. No passo seguinte, prevê a administração de medicamentos para indução cio e desde o início de julho, a inseminação artificial com a utilização de sêmen de animais selecionados, fornecidos pela Embrapa e Cebran/UFPA. Assim espera alcançar os 400 bezerros previstos, monitoramento das prenhes das vacas e a repetição do protocolo de inseminação, caso necessário. Entre as principais vantagens apontadas pelo médico veterinário responsável pelas inseminações artificiais, Tomaz Maia, o conhecimento da qualidade do reprodutor, gerando descendentes de genética superior, além do controle sobre o período de parição, facilita o manejo das crias e em consequência, reduz os custos aos produtores.

Um dos objetivos sistêmicos a ser alcançado na abrangência do Promebull-Pará é de incremento da produtividade do rebanho regional. O Marajó concentra atualmente cerca de 450 mil cabeças de bubalinos, o maior rebanho do Pará, dos quais, apenas pouco mais de cinco mil são destinados à pecuária leiteira. A média de produção de leite é de pouco mais de quatro quilos de leite/dia por animal e com o aporte de tecnologia de manejo e melhoramento genético disponibilizado pelo Programa Promebull-Pará se espera atingir chegar a 10 quilos/dia. Com búfalas mais produtivas, os produtores familiares podem reduzir o número de rebanho e assim investir mais em tecnologia de produção, inclusive diversificando os produtos lácteos ora disponíveis, somados à organização dos produtores e associativismo, consolidando o Marajó como uma das regiões mais produtoras com sustentabilidade da Amazônia, sendo a IG dos produtos fundamental para que isso ocorra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. Maior concentração de búfalos do país, Ilha do Marajó está no Censo Agro. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/17932-maior-concentracao-de-bufalos-do-pais-ilha-do-marajo-esta-no-censo-agro>. Acesso em 24/05/2020.



ANDRADE, K. D. et al. Efeito da estação do ano na qualidade do leite de búfalas. Revista Verde, Campina Grande, v.6, n.3, p.33-37, jul/set., 2011. Disponível em: <<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/718>>. Acessado em: 16 Junho 2020. ISSN 1981-8203.

AMORIM, A.L.de S. / Análise da produção bubalina de corte e leite em comparação à bovina: um estudo de caso em uma propriedade de Soure – Ilha de Marajó. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação – Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia Capitão Poço, 2019.

BARBOSA, N.G.S. Bubalinocultura no Estado do Pará. Rev. Bras. Reprod. Animal, Belo Horizonte, v.29, n.1, p.34-38, Jan./Mar. 2005. Disponível em www.cbra.org.br

CABRAL, Kelem. Parceria público-privada impulsiona pecuária bubalina no Marajó (PA) Embrapa Amazônia Oriental. Site de Notícias. Veiculada em 21/07/2017. Acesso em: <https://www.embrapa.br/amazonia-oriental/busca-de-noticias/-/noticia/25406513/parceria-publico-privada-impulsiona-pecuaria-bubalina-no-marajo-pa>

COSTA, C. N.; LIMA, V. M. B.; CARNEIRO, A. V.; BRUNELI, F. A.T.; LANCELLOTTA, P. I. F. Gisleite: um sistema computacional para a gestão de sistemas de produção de Leite. Pelotas: : Embrapa Gado de Leite, Cap. 8. P. 161-68. In: MARTINS, P. do C.; PICCININI, G. A.; KRUG, E. E. B.; MARTINS, C. E.; LOPES, F. C. F. Sustentabilidade ambiental, social e econômica da cadeia produtiva do leite: desafios e perspectivas. Brasília, DF: Embrapa, 2015. Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1021929>

EMBRAPA. Análises genéticas para a seleção de búfalos (*Bubalus bubalis*) para leite e carne (Fase 2).PROMEBULL. <https://sistemas.sede.embrapa.br/ideare/pages/home/principal/principalframes-novo.jsf#>

Fórum do Cacau. Indicação Geográfica. Disponível em: <http://forumdocacau.com.br/indicacao-geografica/>. Acesso em: 21 maio 2018.

- Marques, L. C. ; MATOS, A. S.; Marques, J.R.F.. Productive characteristics in dairy buffalo (*Bubalus bubalis*) in the Eastern Amazon.. Arq. Bras. de Med. Vet. e Zoot. , v.72, p.947 - 954, 2020.

- MARQUES, L.C.; MCMANUS, C.; PERIPOLLI, V.; ARAÚJO, C.V.; MATOS, A.S.; COSTA, J.S.; SILVA, C.S.; SALES, R.L.; CAMARGO JÚNIOR, R.N.C.; LAUREANO, M.M.M.; Marques, J.R.F. Genetic evaluation of milking buffaloes (*Bubalus bubalis*): bull ranking. Arq. Bras. Med. Vet. Zoot. (on line). Fator de Impacto(2019 JCR): 0,2790, v.71, p.1712 - 1718, 2019.

OLIVEIRA, C. M. de; MATTOS, C. A. C. de; SANTANA, A. C. de Aspectos produtivos e socioeconômicos do Arranjo Produtivo Local bovino e bubalino no arquipélago do Marajó, Estado do Pará. Maringá: Rev. Agro. Amb., v.9, n.1, p. 25-45, jan./mar. 2016 - ISSN 1981-9951 - e-ISSN 2176-9168

(PARÁ, 2013) Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (ADEPARÁ). Portaria no 418, de 26 de fevereiro de 2013. Disponível em: <<http://www.legisweb.com.br>>. Acesso em 19 de Junho de 2020.

ROSA, Bruna R. T.; FERREIRA, Manuela M. G.; AVANTE, Michelle L.; FILHO, Dárcio Z.; MARTINS,



Irana S. Introdução de búfalos no Brasil e sua Aptidão leiteira. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária - ISSN 1679-7353 Publicação Científica da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Garça/FAMED, Ano IV, Número, 08, Janeiro de 2007. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/vDXNCfZHc6Lxtn8_2013-5-21-17-2-38.pdf Acesso em 24/05/2020.

REVISTA DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL. Rio de Janeiro: INPI Indicações Geográficas, No. 2559, 2020.

SANTANA, A. C.; MATTOS, C. A. C. CADEIA DE VALOR DA PECUÁRIA DE CORTE E LEITE EM SOURE E SALVATERRA, MARAJÓ – PA. Grupo de pesquisa: GECADS: Cadeias Produtivas, Mercados e Desenvolvimento Sustentável. UFRA, Belém, 2011.

SEIXAS, V. N. C.; FÉLIX, M. R.; DA SILVA, G. M.; PERRONE, I. T.; CARVALHO, A. F. de Caracterização do Queijo do Marajó tipo manteiga produzido em duas estações do ano. Santa Maria-RS: Cienc. Rural, V. 45, No. 4, 2015. Epub 28-Nov-2014. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0103-8478cr20140463>

Secretaria de Turismo (SETUR). Fórum de Indicação Geográfica amplia credibilidade da gastronomia paraense. Disponível em: <http://www.setur.pa.gov.br/noticia/forum-de-indicacao-geografica-amplia-credibilidade-da-gastronomia-paraense>. Acesso em: 22 junho 2018.